

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Anuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 0/0 em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

A PAIXÃO DE JESUS

Que scenas de horror se representam nestes dias aos nossos olhos!...

O Filho do Altissimo, objecto de suas complacencias, o Verbo consubstancial com o eterno Pae, o Homem Deus, perseguido, atormentado e morto!...

E é um discipulo, um apostolo, quem atraiçoa a Jesus-Christo, seu Mestre e seu Deus!...

E' um amigo quem o vende, quem o entrega nas mãos dos seus mais declarados inimigos!...

Discipulo ingrato, apostolo perfido, amigo cruel, é esse o reconhecimento que o Filho de Deus podia esperar dos beneficios e graças de que te cumulava?...

Outro discipulo e apostolo nega covardemente ao seu Mestre. Que golpe para o coração de Jesus!...

Que é dos teus protestos de fidelidade, ó Pedro?... Que é dos teus juramentos, presumpçoso?!

No jardim das oliveiras, não te amedronta uma cohorte armada, e pouco tempo depois tremes, vacillas, cáis miseravelmente á voz duma serva!...

Os outros apóstolos, a quem o Mestre lavara os pés, a quem, pouco antes, alimentara com sua mesma carne e sangue, esqueceram tudo... fugiram!...

Os restantes discipulos, que dos labios de Jesus haviam recolhido a palavra da salvação, tambem tiveram medo... esconderam-se... deixaram o Mestre!...

Os cegos, a quem o Senhor dera a vista, os surdos que delle receberam o ouvido, os mudos que lhe devem a falla, os paralyticos que levantou, as multidões que nos desertos saciou á custa de prodigios... não o querem agora ver, nem ouvir, nem louvar, nem acompanhar, nem defender... Ninguém sabe delles!...

Só e abandonado daquelles a quem tanto amou, lá vai o Innocentissimo de tribunal em tribunal!...

Aqui o insultam... ali o esbofeteiam... acolá lhe cospem no rosto... alem o tratam por doido...

Depois, prendem-no a uma columna, e rasgam-lhe o corpo com innumerados golpes de açoite, como se fóra escravo!...

Que espectáculo e que tormento!...

Oh! corpo adoravel do meu Salvador, que mais extremos vos reserva ainda a justiça eterna?!... Que novas scenas de espanto poderá offerecer-nos o vosso amor?!...

Oh! que vejo?!... Pesado madeiro ás costas!... abafado por infernal vozaria!... sacudido!... arrastado!... caindo em terra!... caminhando pela ingreme ladeira!...

Que novo espectáculo de horror, agora no viso do Calvario!... Pregado numa cruz!... pendente entre o ceu e a terra!... ladeado por dois malfeitores!... e ainda insultado, escarnecido, blasphemado!...

Mas os vossos labios, meu Jesus, descerram-se. Terrivel maldição vai cair sobre os algozes: e é justa.

"Meu Pae..."
Tremei, ó barbaros, que assim tratais o Filho de Deus: a Victima vai julgar-vos antes de expirar.

"Meu Pae..."
Vinde, anjos do ceu; acudi, elementos todos: concorrei a executar as vinganças do Senhor.

"Meu Pae, perdoai-lhes!"
Oh! pasmo!... O perdão, Senhor, para os vossos inimigos?!... Indulgencia para os vossos algozes?!...

E é esta a última vontade dum moribundo?!...
Bem dita seja sempre a vossa infinita caridade!

L. F.

JESUS!...

I
Morreu Jesus!... Seu sangue precioso
Lá roja pelo chão!
Sobre o viso do Golgotha campeia
A cruz da redempção.

A' voz da prepotencia e tyrannia,
Ao medonho bramar da turba immensa,
Que vociferava e ri... ei-lo pregado
Numa elevada cruz, pendida a frente,
Os labios roxos, mutilado o corpo...
Jesus, Filho de Deus, o Homem santo,
O Rei dos reis, esse Senhor supremo,
Que a um aceno só fez que surgisse
O mar, o ceu, a lua, o sol, a terra,
O monte, o prado, a flor, todo o universo!
Mysterio incomprehensivel!...

E o sol sumiu seus raios luminosos...
A lua já não tem palor divino...
O mar sustou ao longe a sanha altiva...
O bello azul do ceu jaz esvaído...
As montanhas e os valles sam negrura...
Ao prado já sem flor seccou-lhe a seiva...
Ai! toda a natureza traja lucto!...

Morreu Jesus!... Seu sangue precioso
Lá roja pelo chão!
Sobre o viso do Golgotha campeia
A cruz da redempção.

II

Vamos, christãos, orar junto da cruz,
Onde Jesus
Morreu.
Orar apraz a DEUS, quando a oração
No coração
Nasceu.

Rezar, rezar!... Ai! que dogura verte
A férvida oração dentro do peito!
Quanto é doce o rezar!... E' um consólo:
E' balsamo suave ás penas da alma;
E' o unico prazer que tem na terra
O ente desgraçado!

Vamos, christãos, orar junto da cruz,
Onde Jesus
Morreu.
Orar apraz a DEUS, quando a oração
No coração
Nasceu.

III

Oh meu DEUS! Ás minhas culpas
Concedei hoje perdão:
Que este pranto que me escalda
Gerou-se no coração;
Nasceu á voz do martyrio
Da vossa santa paixão!

Perdoai-me pelos transe
De tam negra, acerba dôr;
Pelo sangue que vertestes
Nesses instantes de horror;
Pelos tam agros tormentos
Da vossa morte, SENHOR!

Pelas lagrimas da Virgem,
Santa Mãe que vos gerou;
Por esse amor tam sagrado
Que em sua alma acalentou;
Pelo muito que soffrera,
Quando morto vos achou!

A minha íntima crença
No meu peito conservai:
E' antidoto sagrado
Contra a dor que na alma vai.
Quantas vezes ella acalma
O soffrer que gera um ai!

Oh! meu DEUS, ás minhas culpas
Concedei hoje perdão;
Que este pranto que me escalda
Gerou-se no coração;
Nasceu á voz do martyrio
Da vossa santa paixão!

A. P. Caldas.

ODE SAGRADA

Á Virgem das Dores

I
Do rasgado peito, ó Virgem,
Cruenta setta dispara,
E com ella a canto augusto
O meu coração prepara.

Longo robusto maleiro
Em ombros tenros, gentis!...
Rijas cordas espremendo
No corpo as veias subteis!...

Roxas nodos pelo rosto!...
Vergões nos mimosos pés!...
Desfeito em sangue, em suores,
Quem o ceu, a terra fez!...

Eiz a bruta soldadesca,
Pelas faldas da montanha
Redobrando os empuxões,
Vai fartar a infrene sanha.

De rastros rasgando as carnes,
Aqui sobe, acolá cá:
De espumante sangue aos rios
Ensofando a encosta vai.

Já do Golgotha no eume,
Estendido sobre a cruz,
Pregado de pés e mãos
Se eleva ao ar teu Jesus.

Ei-lo em ansias, em arquejos,
No extremo lidar da vida!
Lá vêm do alto seus olhos
Dar-te a final despedida.

Tudo quanto estava escripto
Agora se completou:
Inclinou a sacra frente...
Já não tens Filho!... Expirou!...

Expirou!... Mas não a raiva
Dos monstros desenfreada:
A seu peito—ou a teu peito—
Lá se arroja outra lançada.

Virgem, a minha ternura
E' faculdade mortal:
Se inda tenho de ver mais
Poderei ver tanto mal!

Que é isto?!... Eu tremo de horror!...
Ten Filho morto nos braços!...
Ten Filho, que mal conheces!...
Ten Filho feito em pedaços!...

Oh! heroe de Arimatheia!
Oh! generoso varão!
Já que o tiraste da cruz,
Tira-lho agora da mão!

Contar uma a uma as chagas!...
Ver saltar do meio os ossos!...
Em cada órgão estragos!...
Em cada membro destroços!...

Onde, se imprimir quizeres
Tens roxos labios extinctos,
Onde ha de ser, que não fiquem
Tens labios de sangue tintos?

Eu ouço o estrondo da campa...
Lá to arranca honrada mão...
Fechou-se na sepultura!
Eiz a Virgem na solidão!

Já debalde olhas teus braços,
Que inda ha pouco o sustentaram...
Já não lhe encontras o péso,
Doce péso que encontraram!

Volvem-se nuvens e nuvens
Do futuro e do passado:
Tudo sam punhaes violentos
No teu peito attribulado!

Virgem Mãe, estás sózinha!...
E esses tantos que adoptaste,
Ingratos filhos, que é delles?...
Não mais, Virgem: baste... baste...

Não que eu queira—que não quero—
Poupar a minha ternura;
Antes minha justa dor
A tua dor só procura:

Mas peço-te por um pouco
Me deixes forças juntar,
Para vir com novas forças
As tuas dores chorar.

J. E. M. Sarmiento.

AVE, CRUZ!

A Igreja catholica commemora, na presente semana, a Morte e Paixão de Jesus. Nós, que somos um dos mais humildes e mais obscuros soldados da Cruz, commemorando este holocausto sublime de amor, fazemo-lo em oração mental e de joelhos á maneira de Frei Angelico, monge pintor, quando desenhava a Cabeça de Christo.

Quando o Espirito Creador se manifestou a Moysés na sarca ardente, mandou que tirasse as sandalias dos pés, pois era santo o logar que pisava; com quanta veneração e reverencia pois, não havemos nós hoje de enfrentar a Cruz, emblema sacrosanto da salvação, labaro do resgate, pyra onde o amor divino se consumiu pela humanidade, estupenda reali-

dade da qual a visão de Moysés era um symbolo!

Dezenove seculos se escoaram na ultima década, e o mundo inteiro recorda, no dia de amanhã, a magna tragedia do deicidio lá nos confins da Palestina. Este grande drama de amor, esta sublime tragedia em que o Sangue divino derramado amassou os fundamentos da moral nova, é a solida e inabalavel rocha em que assenta a Igreja de Christo.

Entretanto o «Consummatum» exclamado da Cruz no momento em que o divino Espirito restaurava na graça o genero humano, bem poderia fazer suppôr quam deploravel devia ser a fraqueza do ensino de Jesus deixado na sua palavra e na sua vida!

Seus discipulos, os que haviam de espalhar pelo orbe a sua doutrina, propagadora da Nova Lei, tão tímidos, tam vacillantes, ignorantes até da propria lingua (pois que fallavam apenas um patois confuso), que poderiam elles ensinar, se até a Cruz, emblema da Religião nova, inspirava horror aos gentios, e a resurreição pré-gada provocava o mais desprezível ludíbrio? Poder-se-hia suppôr, sequer, que esse punhado de humildes, pobres e ignorantes pescadores pudessem fundar, ao menos, uma seita commum entre Galileus?

E, com effeito! a Cruz é e será eternamente o symbolo sublime da redempção. Apesar da lucta encarnicada, tenaz e cruel do judaismo e paganismo; apesar das falsas philosophias de todos os tempos, o Christianismo venceu. Venceu pela sua propria força, pela verdade fundamental da sua doutrina, sem uma arma para resistir a essas massas legionarias que se atiravam contra a Igreja nascente; venceu fazendo do instrumento vil da agonia do escravo — a Cruz — um symbolo mais glorioso do que as aguias que o combatiam.

E se o Christianismo resistiu a tudo, mesmo á inconcebível crueldade de um Nero, quando fazia passar pelos jardins de sua casa dourada os Martyres nas suas tunicas incendiadas, poderá o espirito do tempo, que conspira contra a fé, vencer melhor que todas as perseguições — as heresias, a intolerancia do dogma, o conflicto das auctoridades espirituas e temporaes, a Renascença, esse terrível periodo em que a sociedade, corrupta até ao amago, cessará virtualmente de ser christã?

A catacumba ganhou a batalha sobre o templo grego; a Cruz da vergonha e da humilhação sobre a taça do banquete Salico e suas grinaldas de rosas. E quaes as suas armas? a sua força? — O Espirito do Senhor, a innocencia immaculada, a verdade Evangelica, a fé inabalavel na revelação, a Cruz em fim!

Ave, Cruz! Symbolo da fé e da esperanza! De ti Jesus deu vida á caridade e ao amor; em ti e sobre ti matou com a sua morte a oppressão e o captiveiro!

Ave, Cruz da redempção!

DELFIN MARIA.

NO CALVARIO

I

Era o Calvario um monte agreste, arido e tetrico, Patibulo infernal, paio de maldição: Sem uma flor sequer, que a flor não abre o calice Orvalhada por sangue, em solo de oppressão.

Neste logar de horror, ha quasi vinte seculos, Insultava-se um Justo e erguia-se uma cruz; E nella era pregada a mais sublime victima, Que ao sacrificio foi: seu nome era Jesus!

Jesus ia morrer!... Na sua face livida Já vinha a despontar o eterno, alvo arrebol, Devendo em breve ter por horizonte o empyrio, Por tarde a eternidade e o proprio Deus por sol!

E esse immenso fulgor, em fitas diffundindo-se Da face do Senhor, cravava-se no ceu: Partiam do seu centro aquelles raios vividos E levavam consigo a luz que a luz lhes deu.

Eiz, de subito, o olhar do Martyr embacia-se E a despedida ao orbe, envolto em trevas, dá: Some-se o centro, e a luz reflue à eterna patria; E' salva a humanidade, e Jesus morto é já.

II

Jesus morreu! A alvorada Do dia eterno surgiu Sobre a montanha, sagrada Pelo sangue que a tingiu. Mas esse dia assombroso Não o saudou pressuroso, Dentre a balsa, o rouxinol; Das aves não teve os cantos; Em vez delles teve prantos, E nuvens em vez de sol.

Tres horas sam! Toda a terra Traja lucto, em viltez, Desde a penhascosa serra Até da praia à aridez! Do deicidio o brado ingente Retumbou, grave e fremente, No valle de Josaphat: Dos sepulcros arrombados Surgem, alvos, descarnados, Os herdeiros de Judá.

E o escravo e o demagogo, Os reis, do mundo as nações Erguem os pulsos, e logo Não sentem nelles os grilhões: E então levantam a vista, E do Calvario na crista Vendo já morto a Jesus, Ao som do trovão, que o sêrro Abala, o antigo erro Confessam ao pé da cruz.

III

Que mais pôde exigir um povo, um mundo idolatra? Que maior prova quer de amor, o mais sublime? Um Deus homem se faz, vive entre nós, ensina-nos, E sobre um lenho vil expia o alheio crime.

De rójo neste chão, ó avidos da glória! De rójo neste chão, ó homens da vaidade! Curvemo-nos à cruz, que a cruz é a porta unica, Que o ceu azul nos mostra, e é escada à eternidade!

S. P. da Cunha.

"Stabat Mater..."

Enquanto o Filho seu na cruz pendia, Pelos nossos peccados arvorada, Ao pé stava a tristissima Maria Em lagrimas banhada.

Ela afflicta Mãe, fonte de amor, Concedei a meus olhos rios de agua; Permitti que padeça a vossa dor E chore a vossa magna.

Gemendo consternada—e innocente— Foi de grandes tormentos penetrada: E no peito lhe abriu ferida ingente Da dôr a aguda espada.

Fazei que, amando a Christo, em chamma activa Meu duro coração arda inflamado; Para que deste modo então consiga Merecer o vosso agrado.

Oh! quam afflicta foi! Oh! quam magnada Em lances tam cruéis nesta afflicção, Sendo Mãe do seu Deus, abençoada Entre as filhas de Adão!

Do Crucifixo as chagas no meu peito Fielmente esculpi, ó Mãe sagrada! Quero sentir convosco o triste effeito Da penetrante espada.

Opprimido com dores e tristezas Via — que magna! — padecer afflicto Pagando atrocidades com finezas, O seu Filho bemdito.

Do vosso angusto Filho, tam chagado, Que tanto se dignou soffrer por mi, Commigo peccador necessitado As penas reparti.

Que homem tam inhumano deixaria De lagrimas verter grossas correntes, Vendo de Christo a Mãe em agonia, Com dores tam vehementes?

Enquanto vivo for, fazei que eu chore Comvosco sem cessar e consternado; Fazei que terno e compassivo adore Jesus crucificado.

Quem se não magnaria, contemplando A pena que sua alma traspassava, No supplicio horroroso acompanhando O Filho que adorava!

Comvosco junto à cruz eu quero estar: E quero mais, se acso posso tanto, Com suspiros e ais acompanhar O vosso triste pranto.

Viu por barbaras mãos ser açoitado, O sangue derramado, escarnecido, Em horribes tormentos humilhado O seu Jesus querido.

Virgem, que sois das virgens esplendor, Não recuseis o que vos peço amante: Dai-me, dai-me que possa a vossa dor Chorar meigo e constante.

Viu gemendo o seu Filho tam amado; Viu seu doce e ternissimo Jesus Como do eterno Pae desamparado, Expirando na cruz.

Fazendo de Christo represente a morte; E, na sua paixão a toda a hora Meditando, a acompanhe, e que supporte Das chagas a memoria.

Estas chagas me dai: dellas ferido Tambem eu quero ser eternamente; Quero na cruz e sangue enternecido Viver continuamente.

Recebei-me na vossa protecção: Seja eu sempre por vós favorecido, E, no juizo emfim, desse dragão Infernal defendido.

Do transito final no triste dia Fazei, por intercessão da Mãe piedosa, Que alcance, ó Christo, em vossa companhia A palma victoriosa.

Quando o corpo morrer e se acabar De mim entre os viventes a memoria, Permitti que minha alma vá gozar Do paraíso a glória.

A Deus sirva de empenho e protecção. A vossa alma de dores traspassada, Para merecermos do Filho p'la paixão Que glória eterna aos homens seja dada.

Carta do Porto

A semana santa, em que estamos, recorda-nos muitas vezes a historica pessoa de Pilatos. No decurso do anno, apparece-nos só como que mettido à cunha no credo, que todo o bom fiel deve saber e tambem recitar. Temos ouvido por muitas vezes dizer, quando uma coisa não vem muito a proposito do assumpto: «tem isso aqui tanto cabimento como Pilatos no credo.» E sempre ouvimos commentar ao povo que Pilatos está de mais nesse resumo da fé. Pois enganou-se o povo no seu juizo, e se uma coisa sem ligação, num qualquer assumpto, não vem a proposito, não pôde comparar-se isso com Pilatos no credo, porque esse está lá muito bem. Os apóstolos, quando organizaram o symbolo, não só penetraram o ceu para affirmarem conhecimentos de Deus, mas tambem perscrutaram o coração do homem no futuro e lhe apontaram para os seus desvarios um modelo perfeito de inconstancia e cynismo. Previram os apóstolos que junto da fé haveria sempre a descrença; ao pé da fortaleza, a cobardia; ao lado da justiça, a ausencia de escrupulos; contra o direito de Deus, estaria disputando direitos o homem. A escola de Pilatos deve, por tanto, ter seguidores em todos os logares e em todos os tempos.

E a julgar do seu número, por quantos em Jerusalem achavam justa a sentença do mestre, e reu de morte a Jesus, não nos custa crêr que hoje atinjam uma cifra incalculavel. Os tempos modernos estão de feição para o seu desenvolvimento. Se o credo fôra feito hoje, Pilatos não figuraria lá uma só vez; estamos certos que tudo que fosse menos de meia duzia, era pouco e deixava as almas justas pouco avisadas do estado do mundo. Que belleza de modelo para a actualidade o tal Pilatos! Foi o primeiro plebiscita.

Tendo por dever julgar um justo que lhe apresentaram como orminoso, pôs de parte a consciencia, ainda primeiro do que a lei—mesmo como hoje costuma fazer-se, salvo seja— e para ser mais prudente e equitativo, consultou a massa popular. Crucificai o—clamavam os subornados que regiam o côro da populaça, que ali, como em todo o mundo, é assembleia forçada em espectáculos gratis. E o magistrado, o representante do imperador, vestido — sabemos lá com que fórmula de beca—dã um ouvido à consciencia revoltada, dá outro ao povo amotinado e num rasgo de audacia digno do seculo vinte, harmoniza torpemente as duas vozes que lhe feriam o espirito, cada qual por seu ouvido, lavando as mãos, do sangue daquelle innocente! Que grande parlamentar dos nossos tem-

pos! O accusado é innocente, mas o povo é soberano e deseja, mais do que isso, impôr que se derrame o seu sangue. Não ha outro caminho a seguir; mate-se, que a vontade do povo, mas do povo sem escrupulos, do povo assalariado, do povo inconsciente, faz lei. Esta soberania popular é a mesma que hoje pede a perseguição dos religiosos, que envenena Syveton, que diviniza o Marquez de Pombal e que ao defrontar um padre, sem se lembrar de que não possui cinco reis, exclama com ar de triumpho: «perdi cinco tostões».

Parece-nos estar a ver o ibéro Pilatos com um ar grave de intrusão e ao mesmo tempo com um sorriso nos labios que simula uma falsa innocencia; parece-nos vê-lo a fazer esse interrogatorio grave, comico, que innoja a justiça, por fatigante e improficuo, mas que agrada à immoralidade por desorientar a victima e pretextar contradicções; parece-nos vê-lo a lavar as mãos do corpo e a sentir que não havia liquido possivel que lhe lavasse a alma; parece-nos senti-lo a pensar que tinha illudido e empolgado todo o mundo e vêmo-lo agora com um desprezo universal, como sendo a infima abjecção dum espirito degradado, ignobil e baixo. Pôde qualquer homem ser Pilatos, pôde qualquer homem revoltar-se contra Deus e condemná-lo sacrilegamente, enclausurando-o no Sacratio ou promovendo disturbios quando elle passa na rua; mas o homem ou o estado que assim proceda lembre-se que Pilatos morreu degredado nas Galias e que o povo que pediu o sangue de Jesus ainda hoje está disperso no mundo e é odiado das nações. Toda a doutrina do symbolo tem tido o seu tempo. Sobre cada um dos seus artigos tem apparecido deflecções e enthusiasmos. Agora nega-se a resurreição da carne para se não acreditar na vida eterna. E a sustentar a escola, debaixo de mil e uma formas, está o patriarcha do liberalismo, está Pilatos.

Quem o estudar no processo que instaurou contra Jesus, que era e é Deus, encontra o pae da nova doutrina que substitue a desordenada voz do povo à lei e a commodidade a Deus.

R. L.

Theologia para todos

VII

O Padre nosso

Origem divina.—O Padre nosso, a mais sublime de todas as orações, não é de instituição humana, vem-nos directamente do ceu. Foi Jesus Christo mesmo quem o trouxe à terra.

Jesus fallava muitas vezes da oração.—Nosso Senhor no Evangelho fallou muitas vezes da oração: «Do mesmo modo, diz elle, quando orais, não sejais como os hypocritas que gostam de orar de pé nas synagogas e aos cantos das ruas, a fim de serem vistos dos homens. Em verdade vos digo, receberão a sua recompensa. Mas vós, quando orais, entrai no vosso quarto e com a porta fechada orai em segredo a vosso Pae...» (S. Matth., VI, 5). Quantas vezes o divino Mestre se levantou contra os pharizeus, lançando-lhes em rosto, entre outras cousas, as suas más orações: «Ai de vós, escribas e pharizeus, porque sob o pretexto de vossas longas orações, arruinais as casas das viúvas; por isso é que soffrereis um julgamento rigoroso.

Ensina a seus apóstolos o Padre nosso.—Mas nosso Senhor não se

contentou de fallar da oração: ensinou aos seus apóstolos aquella que nós chamamos Padre nosso. Eiz como S. Lucas conta esta bella scena: um dia que elle orava num logar retirado, quando acabou, um dos seus discipulos lhe disse: «Mestre, ensina-nos pois a orar, como João ensinou a seus discipulos. E Jesus lhes disse: quando orais, dizei: Pae, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, etc.» (XI, 1-2).

Excellencia.—O Padre nosso é uma oração excellente e sublime. Além disso quando Deus faz uma cousa, não a faz até meio, incompleta: fá-la perfeita. Vêde uma mãe inclinada sobre o berço de seu filho. Como ella é admiravel! O seu coração maternal, e o conhecimento que tem da fraqueza deste pequeno ser, fazem-lhe sentir o que elle soffre e aquillo de que tem necessidade. Do mesmo modo, Jesus conhece nossas necessidades, porque nos creou, e sente-as porque nos ama como sabe amar a mais terna e affectuosa das mães. Em fim, sabia o modo como seu Pae quer ser invocado, sendo da mesma natureza que elle, Deus como elle. Eiz por que nos deu no Pater a formula da oração mais digna da Majestade divina.

Explicação do Padre nosso

Preambulo.—O preambulo, ou entrada na materia do Padre nosso, está contida nestas palavras:

Padre nosso que estais nos ceus.—Nellas entram dois pensamentos principaes: o amor fraternal dos homens entre si e o ceu, morada de Deus e nossa um dia.

Amor fraternal dos homens entre si.—Nós damos a Deus o nome tam doce de Pae, para nos recordarmos que somos seus filhos, e para nos animarmos a invocá-lo com mais confiança.—Depois da morte de Christo as relações entre a Divindade e a humanidade mudaram completamente. Na Lei antiga, Deus fazia-se chamar «o Senhor poderoso e cioso da sua glória». Não procurava então a affeição das suas creaturas, queria inspirar-lhes o temor. Assim é que dizia o povo hebreu a Moysés, quando descia do monte Sinaí: «Falla-nos tu que nós te escutaremos, mas não nos falle o Senhor, aliás morreremos».—Pelo contrario na Lei nova, fez-se conhecer pelo nome de Pae, e quer que assim o chamemos. Qual é o filho que não sente nascer a confiança a esta palavra: «Meu Pae?»

Além disso, quando o Mestre amavel ensinou o Pater a seus discipulos, fez-lhes dizer: Padre nosso. Por onde nos quis dar uma lição de fraternidade, e pre-munir-nos contra nosso egoismo natural, fazendo-nos lembrar que somos todos irmãos, tendo todos o mesmo Pae commum. Devemos pois orar uns pelos outros, não pensar sómente em nós, mas em todos os nossos irmãos. Eiz a verdadeira fraternidade, a que reside no coração: dirige as acções, e não consiste em palavras sonoras, orgulhosamente ostentadas em monumentos publicos.

O Ceu, morada de Deus e nossa um dia.—A segunda parte do preambulo, contida nestas palavras «que estais nos ceus», recorda-nos o pensamento do ceu. Sem dúvida o universo inteiro é dominio de Deus, mas o ceu é o logar em que elle manifesta sobretudo a sua glória, em que os anjos e os santos lhe prestam as suas homenagens por toda a eternidade. Em fim, se quisermos, o ceu um dia será nossa morada.

Petições para Deus.—Depois do

preambulo, o Padre nosso contém petições cujas tres primeiras se referem á glória de Deus.

Santificado seja vosso nome.—Logo no principio pedimos a Deus que seja santificado o seu nome. Não queremos dizer que elle se torne santo: elle já o é por si mesmo: é o mais santo de todos os nomes: mas pedimos que seja reconhecido e tratado como tal por todos os homens. Desejamos pois por este pedido que todos os homens cheguem ao conhecimento de Deus, que a verdadeira religião seja prégada aos infieis, que os herejes renunciem aos seus erros, que os scismaticos se submettam aos verdadeiros representantes de Deus na terra, que os apóstatas e os peccadores se convertam e reconheçam o que devem a Deus. *Que Deus seja conhecido, honrado, louvado e glorificado, eiz o que nós pedimos.*

Devemos glorificar a Deus em nós mesmos, e procurar fazê-lo glorificar pelo proximo. Glorificaremos a Deus em nós mesmos por uma vida pura, unida a Jesus Christo. Quanto mais santos somos, mais Deus se manifesta em nós, e mais glorificado é, porque então, santificados pela graça, os nossos pensamentos sam santos, as nossas palavras christãs e piedosas, as nossas acções inspiradas pela fé. Nisto é que consiste toda a perfeição christã.

Depois devemos fazer glorificar a Deus pelos outros, e isso por boas palavras ditas a proposito, por santas exhortações, pelos bons exemplos tam poderosos para mover ao bem, pela oração que attrahe a graça divina sobre as almas e tambem por algumas esmolas que auxiliaram os missionarios a ir a remotas regiões prégarem a boa Nova.

Venha a nós o vosso reino.—Deus é rei, e ninguem pode pôr obstaculos ao seu poder infinito sobre as obras da criação. Mas exerce dois reinados diferentes. Sendo o Creador e Director, por sua providencia, de tudo o que existe, Deus é verdadeiramente o rei de todas as creaturas. Tem sobre ellas o poder absoluto: o de lhes continuar a existencia, ou de as aniquillar á vontade. E' isto o que constitue o seu reino natural.

Independentemente deste reino, tem ainda uma realza muito mais perfeita: a das almas. E' Deus revelando-se, fazendo conhecer a sua vontade á alma humana, é a alma seguindo livremente esta vontade divina. Como o nosso divino Mestre deseja esta realza! Como trabalhou, soffreu e luctou por conquistá-la!... Mas não pode reinar em nós sem que o queiramos. A sua graça na verdade não pode dominar sobre nós, sem que removamos os obstaculos. Ah! quam numerosas sam em volta de nós as almas em que Deus não reina! Como se revoltam para se subtrahirem na sua conducta aos principios da fé!... Aqui pedimos que todas as almas aceitem em si o reino de Deus, e que a sua docilidade lhes alcance o serem admittidas a reinar um dia com elle em sua gloria.

Seja feita a vossa vontade assim na terra como no ceu.—Em fim pedimos a Deus que sobre a terra os homens cumpram a sua santa vontade, com tanto zelo e amor como os anjos e os santos o fazem no ceu.

Imitação da obediencia dos anjos.—Que os anjos fazem no ceu a vontade de Deus, é incontestavel. Os anjos, como o seu nome indica, sam os mensageiros divinos. Muitas vezes na Escripura santa os vemos vir ao meio dos homens executar as ordens do Altissimo. Um anjo é quem sus-

pende o braço de Abrahão prompto a immolar seu filho. Um anjo é quem conduz o jovem Tobias de sua longinqua viagem. E' ainda um anjo quem saúda Maria e lhe annuncia a sua maternidade divina. — Desejamos pois obedecer a Deus, fazer a sua vontade como os anjos. Mas obedecer a Deus é observar fielmente a sua lei, os seus mandamentos e os da sua Igreja, é submeter-se aos decretos da sua Providencia, soffrendo com paciencia as provações e adversidades da vida. Que magnifico espectáculo offerceria a terra, doce imagem do ceu, se a vontade de Deus fosse cumprida perfeitamente em todos!... Mas, ah! tendo a graça de lutar em nós contra a natureza, está muito longe de ser esta divina vontade feita inteiramente, ainda nas almas mais fieis!

(Continúa.)

CURIOSIDADES

Os raios X.—Os raios X fazem os seus martyres. Assim é que um ajudante de laboratorio de M. Edison, M. Clarence Dally, morreu victima de experiencias scientificas. A manipulação constante de materias fluorescentes por Dally produziu-lhe a principio um entorpecimento e uma sensação de dor nas mãos. Depois desenvolveu-se um cancro no pulso esquerdo; em fevereiro de 1902 mais de 150 fragmentos de pelle foram levantados nas suas pernas a fim de praticar a enxertia nas suas mãos. Mas cada vez mais foi piorando o mal. Em agosto foi preciso amputar o braço esquerdo e em seguida o dedo minimo da mão direita; em junho de 1903 foram-lhe amputados os outros tres dedos desta mão, emfim o braço direito. Fizeram-lhe uns braços articulados, mas rapidamente a gangrena invadiu o tronco e Dally succumbiu depois de ter soffrido horrivelmente. E' bem para lastimar a pobre humanidade por ter de usar de remedios tam perigosos como os seus males.

Gelo.—A America é o país em que se consome maior porção de gelo por habitante. Mas tambem é a America que produz o gelo mais limpo. E' tam limpo que através dum bloco de 2m,30 de comprimento por 5m,35 de alto foram photographados alguns operarios de Nova-York. O gelo passa na America como um objecto de primeira necessidade, como o pão e o carvão; fazem-se distribuições de gelo ás familias necessitadas como entre nós se distribue pão e caldo aos pobres.

NOTICIARIO

Arçebispo Primás

Completou 62 annos no passado dia 16 o Ex.^{mo} Arçebispo Primás D. Manuel Baptista da Cunha. A imprensa religiosa do Arçebispado, e ainda de fóra delle, tem prestado ao nobre Prolado altas homenagens. A ellas nos associamos, fazendo votos a Deus para que conserve e prospere para bem da sua Igreja a vida do illustre Primás.

Semana Santa.—Começaram hontem, com os Officios de Trevas nas igrejas da Insigne e Real Collegiada e da Misericordia, as solemnidades da Semana Santa.

Hoje ha: Missa solemne e Communhão geral na igreja da Real Collegiada, exposição do Santissimo nesta igreja e nas do Seminario, Carmo, Capuchos, S. Domingos, S. Sebastião, S. Francisco, Santos Passos, Capuchinhas, S. Paio, Trinas, Anjo e Misericordia, havendo tambem em todas estas igrejas missa solemne.

De tarde procissão do Senhor «Ecce Homo», que sai da igreja da Misericordia.

Sexta-feira.—De manhã, Missa na igreja da Real Collegiada, Texto, Adoração da Cruz, exposição do Santissimo, procissão do Entero e sermão.

Sabbado.—Benção do lume, da agua e do cirio, prophcias e missa solemne na igreja da Real Collegiada.

Domingo de Paschoa.—Missa solemne e procissão do Santissimo na igreja da Collegiada e igrejas parochiaes.

Cadastros de desobriga, em papel de linho de 1.^a qualidade, feitos pelo melhor modelo conhecido, encontram-se á venda na *Typographia Minerva Vimaranesense*, rua de Payo Galvão, em frente á praça do mercado.

Senhor aos presos.

—Da igreja parochial da freguesia da Oliveira, desta cidade, e com a pompa dos annos anteriores, foi na passada terça-feira ministrada a sagrada communhão aos enfermos e encarcerados.

O religioso prestito era formado pela confraria do SS. Sacramento e alguns anjinhos, tomam tambem parte, depois da communhão aos presos, todo o funcionalismo judicial, que o acompanhou até ao recolher.

No couce tocava a philarmonica Boa União.

Lutuosa.—Falleceu no ultimo sabbado, nesta cidade, com a idade de 74 annos, a snr.^a D. Joaquina Ermelinda de Castro Leite, viuva do fallecido commerciante desta praça snr. Joaquim Leite da Silva Guimarães.

Os responsos de sepultura tiveram logar na capella da V. O. T. de S. Domingos, na segunda-feira de tarde.

—Tambem falleceu na terça-feira de manhã, na sua casa ao largo dos Trigaes, o snr. Antonio José Pereira Martins, pharmaceutico, desta cidade.

Os officios funebres tiveram logar hontem, ás 11 horas da manhã, na igreja da V. O. T. de S. Francisco.

Paz á alma dos extinctos. A's familias enlutadas endereçamos sentidos pesames.

Pesos e medidas.

Foram designados os meses de maio e junho proximos para o aferimento de pesos e medidas e demais instrumentos empregados nestes usos.

O praso, que começa no dia 1 de maio, termina impreterivelmente no dia 30 de junho.

Aviso aos interessados.

Bilhetes Postaes, illustrados com o retrato de Sua Santidade Pio X, vendem-se na *Typographia Minerva Vimaranesense*, rua de Payo Galvão, a 10 réis cada um.

Bazar de prendas.—Promovido pela congregação das Filhas de Maria, desta cidade, haverá um bazar de prendas, no proximo sabbado, no Seminario-Lyceu, para com o seu producto auxiliar o custeamento de despesas a fazer com a imagem da Virgem da Conceição, que destinam á nova igreja em construção na Penha.

O bazar, em que se encontrarão prendas de valor, principiará ás 10 horas da manhã.

Associação de Classe dos Fabricantes de Calçado.

—Esta nova agremiação promove para o proximo domingo deslumbrantes festejos com o fim de solemnizar a sua inauguração e a da caixa de socorros sua annexa.

E' o seguinte o programma das festas projectadas:

De manhã, cerca das 6 horas, alvorada, com uma salva real, percorrendo as ruas da cidade a Nova Philarmonica Vimaranesense executando o hymno da associação.

Cerca das 11 horas iram os socios, com os seus distinctivos e respectiva bandeira, acompanhados da mesma banda de musica, assistir a uma missa que será resada no templo de S. Francisco por alma dos socios fallecidos.

Ao meio dia terá logar a sessão solemne de inauguração, para a qual foram convidados diversos oradores vimaranenses.

A' noite haverá arraial, sendo illuminada a fachada do edificio em que se acha installada a associação, tocando em frente, num elegante coreto, a referida banda de musica as melhores peças do seu variado repertorio.

Durante o dia serão franqueadas ao publico as dependencias da séde da associação.

Vadio e desordeiro.

—Foi preso ha dias em Braga e remetido para esta cidade o vadio Francisco da Silva Pereira, de 19 annos, natural da freguesia de Gandarella, d'este concelho, que naquella cidade foi encontrado em desordens e no *rendoso* mister de mendigo.

Pená é que aqui não haja um instituto de caridade destinado á regeneração destes entes dignos de commiseração.

Distincção.—Ao snr. Eduardo Velloso de Araujo, da freguesia de Lordello, deste concelho, foi conferida uma medalha de ouro na Exposição Vinicola Internacional, da cidade do Cabo, pelos excellentes vinhos de sua lavra com que concorreu áquelle certamen.

Já não é a primeira vez que aquelle cavalheiro merece tal distincção, pois que já foi premiado na exposição de S. Luis, Estados Unidos da America do Norte, onde concorreu com os seus vinhos espumosos.

Justo é que se recompense quem trabalha no aperfeiçoamento dos vinhos portugueses que sam, na sua generalidade, magnificos e preferiveis em todas as mesas.

Os nossos parabens.

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

—*Imitação de Christo*, confrontada com o texto latino e annotada por Monsenhor Manuel Marinho. E' um bellissimo volume de 480 paginas. Alem do texto da *Imitação*—que é o melhor livro produzido pelo homem—e das abundantes notas que acompanham todos os capitulos e que ao rev.^{mo} Conego Coelho da Silva, segundo consta do parecer que deu para a approvação do livro, «algumas vezes parecem exceder o próprio texto»; alem de tudo isto, dizemos, ainda o elegante volume contém um bom devocionario e um resumo do catecismo christão. A edição é lindamente illustrada, e pertence ao zeloso editor catholico do Porto, snr. José Fructuoso da Fonseca. Chamamos a atenção para o annuncio, que vai em logar proprio.

—*Voz de Santo Antonio*, n.º 4 do 11.º anno. Este numero da bella revista é especialmente consagrado á commemoração do 25.º anniversario da sagração episcopal do Em.^{mo} Cardial Patriarcha de Lisboa. Entre outras illustrações traz o retrato do Em.^{mo} Prelado e os de todos os Ex.^{mos} Arcebispos que têm sido seus coadjutores durante o seu governo, alguns dos quaes tambem abrilhantam o presente numero com a sua collaboração. A redacção fez uma edição em papel superior, que vende avulso pelo preço de 150 reis.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrin-douradas	1.000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

DICCIONARIO APOLOGETICO
DA
FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR
J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR
GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar — Porto.

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portuguesa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco — VIZEU

OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos — R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

SYNOPSE

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO
SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor — COIMBRA.

ESTA interessante publicação que está sahindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

É trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os quatro primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes, pelo menos, e deverá estar concluída em fins do corrente anno de 1904.

Condições de publicação.— Todos os cavalheiros que acceptarem o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimarancense

rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS

DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POB

José Candido Gomes

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontificie e redactor da "Revista Catholica,"

É por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as atenções dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfiziam completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferéncia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é somente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labirinto de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circunstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 réis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 réis. Pelo correio accresce o porte de 30 réis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga — Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.